



Director literario:
Augustos Papim
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo Malta
PAPUSSE

O KIÓSQUE JAPONEZ

Por JOSÉ S. RAU
Desenhos de
EDUARDO MALTA

A Augustinha e o Nane conversavam todas as noites antes de se deitarem. O Nane era um belo gato que parecia uma bola de algodão em rama. Tinha uns grandes olhos cheios de mistério; uns olhos verde-negros onde scintilavam faíscas de ouro.

Uma noite, o Nane disse à Augustinha que Lisboa era uma cidade muito feia e que lá na terra dêle, o Império do Sol nascente, a que nós chamamos o Japão, êle, apesar de gato, pertencia à dinastia dos reis. A Augustinha, que é uma menina inteligente, começou a rir e puxou os bigodes do Nane. Então o Nane cresceu, cresceu, como um balão em que a gente sopra, e pôs-se do tamanho dum tigre.

Qualquer dos meus pequenos leitores, nas mesmas circunstâncias, teria apanhado um susto mortal. Pois a Augustinha, não! Escarranchou-se como um rapaz no dorso do Nane, que media agora dois metros, e foi por aí fora galgando montanhas e ribeiros, imaginem até aonde? Até ao Japão, o país misterioso e perfumado do Nane, que é uma ilha de vulcões e crisântemos que usa o vestido azul do mar bordado a rendas de espuma.

Eu não lhes posso dizer como êles chegaram a essa terra encantadora porque isso pareceria fantástico, mas sei que isso aconteceu enquanto o diabo esfrega um olho.

Quando Augustinha deu por si, estava num belo kiósque japonês todo cheio de lanternas de papel, muito acaado, com esteiras finas pelo chão, e o Nane tinha regressado



UM KIÓSQUE JAPONÊZ
A BEROLA DE ORVALHO
E O BAMBU



aos seus modestos limites de gato branco familiar. Porém, talvez em consequência da mudança e porque os costumes japoneses são mais requintados do que os nossos, o Nane andava delicadamente pelo kiósque a fazer mesuras à Augustinha, às paredes, às estampas coloridas, às almofadinhas fôfas e até, se não me engano, fazia mesuras à sua elegantíssima pessoa. Ensinou logo à Augustinha que devia chamar-se agora Gôta de Orvalho (que lindo nome, não é verdade?) pois que êle próprio se chamava agora o Senhor Bambú (bambú é um arbusto que cresce à beira dos lagos). Mandou-lhe tirar as suas roupas ocidentais e transformou-a depressa numa menina japonesa, toda rumorosa de sedas vivas, toda sorridente e doce, com o seu kimono de rama-

(Continua na pagina 8).

UMA CASA DE BONECOS

POR MARIA LEONOR LIMA BRANDES
::: DESENHOS DE EDUARDO MALTA :::

HA criancinhas muito interessantes. No número destas encontramos nós um pequerrucho de seis anos, que é meu primo.

Chama-se Oscar e mora na Rua da Barroca, n.º 18, 2.º. Fui lá outro dia visitá-lo com meu pai, que há quasi um ano me não levava a passeio. (Já está perdoado). Ao entrarmos, veio a sua mãesinha prevenir-nos que não falássemos alto. E, seguidos por ela, passamos pela cozinha e entramos no quarto de dormir do pequeno Oscar. A porta que dá ingresso à casa da costura estava fechada, e lá dentro estava o Oscar a brincar, não sósinho, pois uma familia numerosa de bonecos, feitos de trapos, ali se encontrava. Espreitando pelo buraco da fechadura, vi muito admirada o que o pequeno fazia. Imaginemos um pequeno palco. O Oscar punha em movimento todos aquêles bonecos. Um era o pai, outro a mãe, e os quatro restantes, eram os filhos. O Oscar deu fala a todos!

Aos quatro filhos, atou o pequeno um cordel, à cabeça de cada um, que passando por uns pregos que pregou na parede, os segurava a todos pelas extremidades dos cordéis, e os fazia estar de pé. O pai e a mãe, sentou-os na tampa da máquina de costura.

O Oscar fazendo a voz forte, fingindo que era o pai a ralar com os filhos, dizia:

— Então você, seu maroto, ontem fez gazeta?... A professora está bem contente consigo!

E fazendo voz de menino:

— O' meu paisinho, não me bata, não? Era já tarde,

eu tive medo que a professora me castigasse, fui brincar para S. Pedro de Alcantara. Não me bata, não?!

— Por esta estás perdoado, mas se voltas a faltar à escola, puxo-te as orelhas,

E puxando o cordel, fazia com que o boneco pulasse de contente, por não ser castigado. As suas três irmãzitas ficaram muito contentes, por verem que seu pai não castigara o irmão.

E a mais nova dizia, balouçando-se muito:

— O' minha mãezinha, eu também quero ir para a escola; o Manuel já sabe lér, e eu também quero aprender o B-a-bá.

E outra vez, com voz mais forte, a fingir que era a mãe:

— As tuas irmãs que te façam um saquinho, que eu amanhã compro-te um livro e uma taboada. E imitando, novamente, a voz de menino:

— Mas que gritaria é essa?—exclamava o pai, um pouco zangado). — Fale um de cada vez.

A menina mais velha, então respondeu:

— Dizíamos nós muito bem, porque depois vamos todos juntos para a escola e não deixamos o Manuel fazer gazeta.

E o meu primo Oscar, desconfiando que alguém estava a escutar, escondeu os bonecos debaixo duma mesa, e veio à porta. Vendendo-nos, ficou muito córado, e disse-me:

— Sabes, priminha, que não é bonito espreitar-se às portas?!

Que tal acham o meúdo? Promete?!...



FIM

COLABORAÇÃO INFANTIL

A ESMOLA

Por AMIGUINHA
DE 14 ANOS DE IDADE

A's pequeninas MARIA ADELAIDE, MARIA CECILIA e GRACIETA NOGUEIRA

ERA já quasi à noitinha,
quando a pálida Rosinha,
regressou da petição;
de porta em porta, pedindo,
o seu olhar triste e lindo
'té quebrava o coração!...

Sòsinha, sem ter ninguém,
sem ter, de pai ou de mãe,
o carinho que consola!!!
Vivia à borda da estrada,
numa casinha caiada,
emprestada por esmola!

E nessa noite, a Rosinha,
entrou na pobre casinha,
cheia de fome, a chorar!
Só trazia um bocadinho
de pão negro e já velhinho,
p'ra nessa noite ceiar!

Mas a fome, que era tanta,
deu-lhe uma alegria santa,
por inda ter que comer!

— Emtanto, batem à porta!
«quem será, nest' hora morta,
que à porta me vem bater?!»

Vai abrir, E' uma velhinha,
muito trémula e rotinha,
que lhe estende a magra mão:
«Menina, a dôr me consome!
tenha dó de quem tem fome,
dê-me um pouco do seu pão!»

Rosinha, nem mesmo hesita;
vai à saquinha de chita
e tira o pão que lá está.
«Tome—lhe diz comovida—
e se quer uma guarida
tambem pode ficar cá,

Mas a velhinha partiu;
e Rosinha, quando viu
já nada ter p'ra ceiar,
não se importou, coitadinha!
foi rezar pela velhinha,
e adormeceu a rezar,...

Mas, súbito, acorda!—O quê?
E' possível o que vê,
estará inda a sonhar?!
Sôbre a mesa da cosinha,
está pão, carne, roupinha,
leite e frutas sem ter par!!!

Rosinha, contente, grita:
«Quem me deu tanta «bonita»?
Foi Deus? Foi anjo? Foi fada?»
Mas ninguém lhe respondeu,
porque os presentes do Céu,
vêm de mão ignorada.

—Meus meninos e meninas!
Minhas louras pequeninas,
d'olhinhos da côr dos Ceus!
Dai aos pobres, com carinho;
dar esmola a um pobresinho,
é pô-la na mão de Deus!

F I M

CORRESPONDENCIA

Emília Guerra—Recebi o conto que está muito interessante e talvez seja publicado.
Não calcula a quantidade de originais que cá temos...
Espero que mande os desenhos para colorir.
Os meus agradecimentos.

Regina Martyr Calhau—Recebeste o que mandei?
Podes mandar os contos que quizeres porque são sempre bem recebidos.

No entanto lê o que digo a tua «prima» Emília Guerra.

Amaro Belo Miranda—Se as engenhocas interessam diz-me em que género as queres.

José Marques Daniel—O teu pedido foi para a Administração.

José C. Inácio—A engenhoca que mandaste está muito engraçada, mas tem dois defeitos. O primeiro é ser muito grande e o segundo é estar desenhada a lapis, quando devia ser feita a tinta da China. Porque não fazes uma mais pequenina?

A. G. B.—Para que são tantos selos? Não é preciso pagar nada para publicarmos a vossa colaboração. Basta para isso estarem os trabalhos nas condições. A tua história talvez se publique.

O que queres que faça aos selos? Um abraço.

Aurora Pires Cabral—Muito lindos os versos que enviaste. Talvez se publiquem.

Francisco Rasquinho Junior—Que tal te souberam as cervejas?

Augusto Humberto Valente—Recebi a sua história. Como temos muitos originais, tem de esperar que chegue a sua vez. De acordo?

Mário Mascarenhas Palma—O continho que me mandaste não pode ser publicado porque vem escrito a lapis.
Manda-me um outro, a tinta e mais pequenino. Valeu?

Maria Szana Barbosa Martins e Arminda Martins—Esperem a vez. Um beijinho.

Olivio Sacramento—Continuo matutando. Estou quasi maluco por causa da adivinha.

Manuel Dias Albuquerque—E' um pouco difficil a adivinha que mandou. Se se quizer dar ao trabalho de mandar mais alguma coisa, com todo o prazer o atenderei.

Mário Brandão Soares—Visto não quereses ser meu «sobrinho», e sermos quasi da mesma idade, serás meu «primo». As tuas anedotas foram para a «dicha». Um abraço.

José Agostinho V. Gonçalves—Com certeza já devias ter recebido uma carta que te escrevi particularmente e em que expunha os motivos porque se não publicavam os teus trabalhos. No entanto como na ultima carta dizes que não recebeste ainda nada, escreverei novamente, logo que for possível.

José Celestino Evaristo—Recebi o desenho, que não pode ser publicado por dois motivos. Lê o que digo ao teu «primo» José C. Inácio.

Um abraço.

Celestino Guerreiro Raluca—Lê a resposta que dou a teu primo (a sério) porque o teu desenho está nas mesmas condições.

Joaquim Francisco Nunes—Explendido! Será publicado na devida altura.

Maria Emilia Senna—As adivinhas estão muito interessantes. Serão publicadas algumas, porque outras estão um pouco «ateijadinhas»... Não se zanga?

Adolfo Pardelhas—Bom!

Sairá a seu tempo.

Manuel Merceano da Silva—Os desenhos devem vir sempre em papel sem linhas, e só a tinta da China ou então muito preta. Não desanimas e manda outro.

José Nunes Senna—Já vieste tarde. Faz uns bonequinhos para a história que mandaste que será publicada. Um grande abraço.

José Maria Ortega Raio—Algumas anedotas das que mandaste são publicadas apesar de um pouco conhecidas. Um grande aperto de mão.

Mimi Ihart—Continuo esperando resposta.

Aida Augusta Miranda—O teu desenho é muito engraçado e pena é que não seja mais pequeno e feito em papel sem linhas. Seria publicado... Um beijinho repençado...

Mário Marques Magalhães—Aguarda a tua vez.

Mimi e Vini Buida Rocha—Tambem conheço o almanaque de onde copiaram os desenhos e como é a cópia...

Mandem outros. Sim?

Milita—Muito bonitos os versos e o conto. Mas se não fosse o teu papá...

Romana da Conceição Fragateiro—O teu continho está à espera da vez. Um beijinho.

Vasco Nunes de Abreu—Publicam só quando for possível.

Manuel António Caroso da Oliveira—Aceio a oferta que me fazes dos desenhos e muito gosto tinha em publica-los se viessem a tinta preta.

Redação do Pim-Pam-Pum
Rua do Século, 43 — LISBOA.

TIOTÓNIO

UM POLÍCIA... EM CALÇAS PARDAS...



Joanito é um menino
De cinco anos, sómente,
Mas esperto e tão ladino,
Como o não é toda a gente...
Por caprichos do Destino!



Certa vez, já de tardinha,
Apanhando a mãe na horta,
Fot com a mana Joaninha,
Cocar ao fecho da porta,
Que dava para a cosinha.



Ele, de caso pensado,
Desce, lgeiro, ao quintal,
E solta a corrente ao «Sado»,
Um perro fenomenal,
Como qualquer cão do Estado!



Vai pô-lo de sentinela,
Sem que o casal dê por isso,
Por debaixo da janela
Onde a moça e o derraço
Dão largas à tagarela.



Deixando os braços da bela,
Procura o civico a escada
Para escapar-se por ela,
Mas tendo a porta fechada...
Galga, num pulo, a janela!



O agente — é manifesto —
Vem cair exactamente
Junto do «Sado», que, lesto,
Resolve ferrar-lhe o dente
Nos fundilhos... e no resto!

DESENHOS DE PAPUSSE



Sem intuitos de malicia,
Os atrevidos pequenos,
Foram dar com a Felicia,
— Nada mais, nem nada menos...
Que abraçada a um polcia!



Sem gritos, nem cabriolas,
Antes contendo-se, a custo,
Logo ali, as criancolas,
Decidem pregar um susto
Aos pombinhos... mariolas.



Joaninha e Joanito
Recolhem depois à cave,
Tendo o cuidado exquisito
De fechar o «melro» à chave...
E vão munir-se de apito.



Fazem ambos — que lembrança!
Um alarme de tal ordem,
Que o cabo da segurança
Supõe perto haver desordem,
Ou fogo na vizinhança.



Preso de tórvo ciúme,
Por vêr o noivo safar-se,
Contra o seu velho costume,
A Felicia vai vingar-se
Na sopa que tinha ao lume.



E enquanto o pobre maldiz
Vêr-se assim em maus lenções,
Quasi em fralda, por um tris...
Na cave, os nossos heróis
Dão palmas e pedem bis!...

VERSOS DE JORGE CLARO

Concursos do PIM-PAM-PUM!

Havendo reunido numa das salas da redacção do «Século» os cinco ilustres membros, Dr. Trindade Coelho, Carlos Selvagem, José Pacheco, Augusto de Santa Rita e Eduardo Malta que constituem o júri dos nossos

3 grandes concursos — Poesia, Conto e Desenho

a que afluíram para cima de 600 produções e havendo chegado à conclusão de que impossível se tornaria dar já neste número o seu apuramento total, após rigorosa selecção de originais, foi resolvido apreciar primeiramente as provas do 1.º e 3.º concursos (Poesia e Desenho) ficando o resultado do concurso de contos, para o próximo número.

E, nesta conformidade, após um consciencioso exame, foi obtido pelo júri o seguinte apuramento:

CONCURSO DE POESIA

SERIE A (até 14 anos)

Primeiro premio.....	Antonio Fernandes da Fonseca, com a poesia intitulada «No largo da escola»;
Menções honrosas numeradas — 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª respectivamente.....	Fernanda de Lacerda Cabral, 10 anos;
	Guilherme Pereira da Rosa, 10 anos;
Menções honrosas sem numeração.....	«O meu jornal» Maria Bela Jardim de Carvalho, 10 anos;
	Virginia Martins Rodrigues, 11 anos.
	Carlos Francisco dos Santos, José Miguel F. de Mira, Francisco Raimundo Brazão Larichas, Francisco José dos Santos Galo, Alfredo José Lopes Moreira, Amandio Pires Cabral, Mario Lopes Mena Neves, Antonio de Matos, Fausto Augusto Gomes Nobre.

SERIE B (dos 14 aos 18)

1.º Premio:—	Olavo d'Eça Leal, poesia intitulada «O Balão»,
Menções honrosas numeradas—1.ª, 2.ª e 3.ª respectivamente.....	«Avesinhas», Maria Gabriela, 16 anos;
	«O pombo correio», Manuel de Athayde, 14 anos;
Menções honrosas sem numeração.....	«O meu Tareco», Ezequiel O. Quelho Bataréu, Maria Corrêa, Manuel Ramos de Souza Ribeiro, Arlindo da Silva Coelho, José dos Santos, J. S. Seca Junior, Horacio Damião dos Santos.

SERIE C (dos 18 anos em diante)

1.º Premio:—	Não houve.
Menções honrosas numeradas—1.ª, 2.ª e 3.ª respectivamente.....	«Carta a Papim», Carlos Queiroz, 18 anos;
	Aqui jaz um «Jazz-band», Cavaleiro da Aventura, 20 anos;
Menções honrosas sem numeração.....	«O menino e o palhaço», anónimo.
	Antão de Morais Gomes, Dulcidio da Cunha, H. Da maso das Neves, Celeste Leitão.

CONCURSO DE DESENHO

SERIE A (até 14 anos)

1.º Premio:—	Mario Marques de Magalhães, 13 anos,
Menções honrosas numeradas — 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª respectivamente.....	José Augusto Alyes de Moura Cardoso;
	Maria da Piedade Mota;
	Antonio Gonçalo dos Santos — Mingas, 4 anos.

SERIE B (dos 14 aos 18)

1.º Premio:—	«João Mandrião» José da Rocha Pereira,
Menções honrosas numeradas.....	Jaime Alberto da Cunha Borges, 16 anos;
	Adelaide Nobre;
	Margarida Labrador;

SERIE C (dos 18 anos em diante)

Primeiro prémio.....	Maria Wladymira Quirino da Fonseca.
----------------------	-------------------------------------

Nota importante:— Nas séries A e B há mais classificados com menções honrosas sem numeração que, por absoluta falta de tempo, só poderemos dar no próximo número.

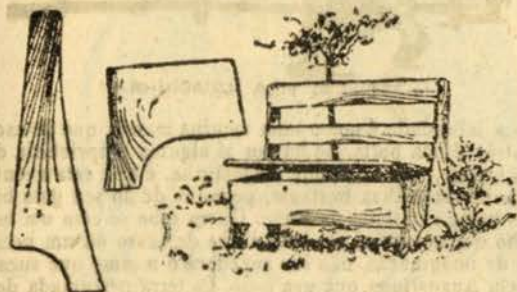
Os respectivos prémios encontram-se à disposição dos contemplados na administração do «Século» onde podem ser requisitados.

O «Pim Pam Pum» roga a todos os premiados e classificados com menções honrosas numeradas o favor de enviarem ao director literário do «Pim Pam Pum» os respectivos retratos a fim de serem publicados, tendo, porém, apenas direito à publicação dos respectivos originais os autores que obtiverem os primeiros prémios e excepcionalmente aquêles classificados com menções honrosas numeradas que forem convidados para tal pelos directores do nosso semanário.

HORA do RECREIO

Um banco prático

Qualquer amator de carpintaria pode fazer, com grande facilidade, um banco que sirva ao mesmo tempo de caixa para guardar ferramentas, objectos de jogo ou utensilios de limpeza, conforme elle seja destinado a um jardim, a um campo de jogos ou a uma cocheira. No desenho, podem vêr-se, em ponto pequeno, os modelos das peças laterais que se prenderão entre si por meio de parafusos. As peças de um lado unem-se depois às do outro por meio de duas táboas exactamente iguaes, uma por diante e outra por trás, aparafusadas nas bordas das ditas peças; e uma terceira táboa, que se prega ou aparafusa à borda inferior das outras duas, forma o fundo da arca.

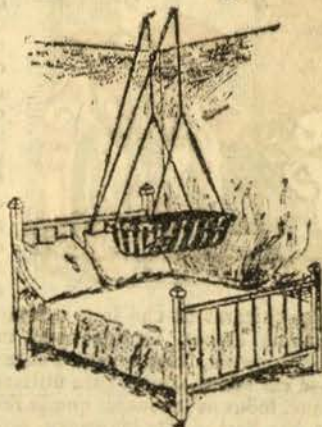


Um banco prático

O assento, que ao mesmo tempo serve de tampa, é uma táboa que deve sobresair um pouco por diante, e se prende pela borda posterior, quer com um par de bizagras, quer com dois parafusos metidos pelos lados, que sirvam de gonzos. Duas táboas estreitas aparafusadas na parte alta, servindo de encosto, completam a obra.

Já se vê que as dimensões deste banco serão ao gosto do construtor; 40 centímetros é uma boa altura para o assento. Emquanto à madeira, o pinho, convenientemente pintado, é a melhor.

O berço suspenso



Uma cêsta sobre o comprido, suspensa do teto por cima da cama, da forma que a nossa gravura indica, constitue o melhor e mais cómodo berço, tanto para a criança como para os pais.

Nesta posição não é preciso que a mãe ou o pai se levantem para irem pegar na criança quando chora, porque basta endireitar-se na cama para a tirar do berço, e, além disso, também se lhe pode mexer sem mesmo se endireitarem.

As cordas deste berço ideal passam por duas roldanas fixas no teto e os seus extremos atam-se à cabeceira da cama.

A DIVINHAS

1

Qual a coisa, bem precisa,
Redonda como uma bola,
Que a toda a hora se pisa
E a toda a hora rebola?

2

Tem dois olhos com luneta,
Serve para divertir,
Mas ao tocar a corneta
Faz toda a gente fugir!



Decifração da anteriór: — Sol.

Este pastor estará a chamar um homem ou uma ovêlha?
Veiam os meninos se descobrem o que elle está vendo.

(Continuação do conto O KIÔSQUE JAPONEZ)

gens e passarinhos atados na cintura por uma faixa côr de uva preta, com os seus sapatos de duas polegadas, com o seu leque que tinha a imagem dum guerreiro e o seu penteado em bandós onde se espetavam mimosas pregas de marfim.

Quando a Augustinha, perdão, a Gôta de Orvalho, acabou de vestir-se, o Nane, perdão, o Senhor Bambú, convidou-a a acocar-se para o almoço, porque os japonezes, meus leitores, comem sempre de cócoras. Gôta de Orvalho obedeceu e o Senhor Bambú deitou-se-lhe aos pés, batendo



com a pata macia num «gong», ao som amortecido do qual entrou uma criadinha adorável de olhos oblíquos, e gestos frágeis como o cristal, a rir e a cumprimentar com toda a amabilidade. Trazia nas mãos rosadas um taboleiro de laca com dois pratinhos

de arroz e duas chécaras de chá loiro e fumegante. Eles comeram e beberam ambos, servidos pela criadinha que se chamava, poeticamente, «Pequenina Fonte», mas Gôta de Orvalho viu-se em sérios apuros para utilizar os dois pausinhos com que, todos os japonezes que se respeitam, comem o arroz. O Senhor Bambú que manejava os seus pausinhos muito bem, achou imensa graça à sua amiga, tanta graça que estou certo que, se não fôsse japonês (no Japão a garga-

lhada é uma prova de mau gosto) teria desatado a rir até mais não, fazendo dançar os seus longos bigodes de mandarim.

Ao acabar o almoço, deliciosamente original, o Senhor Bambú levou Gôta de Orvalho à porta do kiôsqe, à beira do qual deslisavam as mansas águas dum rio. De vez em quando passava uma embarcação florida, alegre, de onde o



batendo com a pata macia no gong...

barqueiro cortejava gravemente, ou de onde se via o vulto reclinado e enternecedor duma «musumé» (menina) que tinha decerto um nome de flôr, de perfume ou de canção.

Foi nessa mesma tarde que o Senhor Bambú perdeu a sua forma de gato branco e se mudou num lindo fidalgo japonês, num «daimio», como eles lá dizem, e casou com Gôta de Orvalho em presença do «mikado», que é, nada mais nada menos, meus leitores, o próprio Imperador do Japão. Houve uma revista militar, ao som de músicas, e os soldadinhos amarelos como cidra apresentaram armas aos noivos.

Ele, que era alto e forte, vestia a sua couraça pintada de dragões e fazia voltar a sua espada curva. Gôta de Orvalho, enroupada num kimono deslumbrante, e tão graciosa que dava vontade de comê-la, ia andando sobre um ta-

pête de crisântemos. E o resto não tem história, mas eu quero acrescentar uma coisa:

O que aconteceu à Augustinha pode acontecer a qualquer pessoa, Nesta vida, tudo pode acontecer e, muitas ve-



...SERVIDOS PELA CRIADINHA...

zes, a felicidade é como uma menina marota que se esconde atrás duma porta. Se há por aí alguma proprietária dum gato branco, que se chame Augustinha, e que esta aventura maravilhosa seduza bastante, peço-lhe dê ao seu gato branco o nome exquisiteso de Nane. Quem sabe se com um bocadinho de paciência, um bocadinho de acaso ou um bocadinho de imaginação, não lhe sucederá o mesmo que sucedeu àquela Augustinha que usa hoje, na terra perfumada do Ja-



...perdeu a sua forma de gato...

pão, o nome extraordinariamente fresco de Gôta de Orvalho? Sim, meus leitores, porque ainda hoje, ao lado de seu marido, o Senhor Bambú, Gôta de Orvalho come o seu arroz com dois pausinhos.

FIM